

- OUTRAS LETRAS

LEITURA-FRUIÇÃO NA ESCOLA: ALGUMAS DISCUSSÕES, UMA PROPOSTA

Fernanda Maria Müller Gehring*
Greice da Silva Castela**

Resumo: Muito se fala que os alunos não têm o hábito de ler, que não gostam de ler. Contudo, a distância que o aluno tem da leitura se deve, muitas vezes, à forma como essa é tratada em sala de aula. Poucas medidas são tomadas como estratégias para melhorar o vínculo entre o aluno e o mundo da leitura. É sobre a relação prazerosa entre o texto e o leitor que tratará o presente artigo, apresentando algumas discussões acerca da importância da escola e do professor na formação leitora dos alunos. Também é objetivo deste trabalho apresentar a proposta de uma atividade prática de leitura-fruição.

Palavras-chave: Leitura-fruição. Formação do leitor. Importância da escola.

INTRODUÇÃO

■ Ser professor de Língua Portuguesa no século XXI é uma atividade desafiadora, principalmente quando deparamos com afirmações do tipo “os alunos são desinteressados”, ou “os jovens de hoje só se interessam por computadores e internet” ou ainda “eles não querem nem saber de ler”. Eis que então cabe uma ação que pode ser considerada ainda mais desafiadora do que a própria profissão de ser professor: ser promotor de mudanças nas práticas de sala de aula, ou seja, reavaliar seus métodos e ser protagonista de transformações.

Partindo do pressuposto de que tudo mudou na contemporaneidade, Riolfi (2008, p. 4) propõe uma questão diante de tais mudanças, diante daquilo que a autora chama de “coisas que ‘não nos reconhecem mais’”: assumir uma atitude

* Secretaria Estadual do Paraná – Marechal Cândido Rondon – PR – Brasil. *E-mail:* fermullergehring@hotmail.com

** Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) – Cascavel – PR – Brasil. *E-mail:* greicecastela@yahoo.com.br

de que tudo perdeu o sentido para nós e desistir delas ou encontrar modos de lidar com tais mudanças com outro posicionamento, isto é, a reelaboração dos métodos a fim de atingir o aluno e atraí-lo para as aulas de Língua Portuguesa e seus diversos conteúdos, inclusive a leitura.

De acordo com a autora, as ações mediadas pela palavra deixaram de ser predominantes e deram lugar às ações mediadas pelo movimento. Por isso, deve o professor de Língua Portuguesa investigar a relação do jovem com a palavra, isto é, saber se ele se emociona, chora ou ri com determinadas leituras, buscar saber o que a palavra é capaz de fazer com cada um e o que cada um é capaz de fazer com a palavra. Uma das formas de alcançar êxito nessa prática é envolver o aluno no mundo da leitura, visto que é por meio dela que interagimos com o mundo.

Partindo dessas constatações este artigo busca discutir a importância fundamental da escola, do professor e da leitura-fruição na formação do leitor, e propor uma atividade prática para instigar o gosto pela leitura por meio do uso da leitura-fruição de contos no Ensino Médio.

ESCOLA, LITERATURA E DESENCANTAMENTO PELA LEITURA

Como assinala Lima (2009, p. 2046): “A escola acaba assumindo a responsabilidade de democratizar o acesso ao livro e à leitura, por ser um espaço de circulação de conhecimentos e de ampliação cultural”.

A literatura permite o uso da imaginação, estimula o uso da linguagem em diversas situações e permite o diálogo entre texto escrito e seu autor (2009, 2009), o que comprova sua importância na vida do aluno.

A literatura é porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um (LAJOLO, 2001 apud LIMA, 2009, p. 2048).

Em contrapartida, dependendo do modo como a leitura e a literatura são tratadas, a escola pode mais afastar do que aproximá-las dos alunos, o que pode provocar o desencantamento pela leitura.

“Na escola não se leem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos. E isso nada mais é do que simular leituras”, é o que afirma Geraldini (1997, p. 91), e é também o modo como muitos alunos definem a leitura: ler para responder questões. É por isso que, na maioria das vezes, os estudantes leem somente nesses momentos propostos pelos professores, na escola, considerando a leitura uma atividade desinteressante.

O trabalho com a leitura, se desenvolvido dessa forma, acaba se distanciando de um de seus principais objetivos: a formação de leitores, visto que os alunos estão cada vez mais cansados de preencherem as famosas fichas de leitura, como aponta Cruz (2012, p. 2762): “Com o tempo, o aluno percebe que a leitura é o que menos importa, bem como é irrelevante a conexão que ele venha a fazer entre o livro e o mundo vivido”, já que as fichas de leitura passam a ser o foco de sua atenção e esforço.

Essa ideia é também defendida por Suassuna (1995, p. 51), que afirma:

A leitura, conforme vem sendo encaminhada na escola, não cumpre suas mais fundamentais funções. Nem mesmo a lúdica, posto que a leitura imposta, “para nota”, com objetivos previamente traçados mata qualquer tipo de prazer que o desvelamento do texto escrito pudesse causar.

Conforme pregam os pressupostos que regem o ensino de Língua Portuguesa no estado do Paraná – como as Diretrizes Curriculares da Educação Básica –, é necessário que circulem, na sala de aula, os diversos gêneros textuais/discursivos:

O aprimoramento da competência linguística do aluno acontecerá com maior propriedade se lhe for dado conhecer, nas práticas de leitura, escrita e oralidade, o caráter dinâmico dos gêneros discursivos. O trânsito pelas diferentes esferas de comunicação possibilitará ao educando uma inserção social mais produtiva no sentido de poder formular seu próprio discurso e interferir na sociedade em que está inserido (PARANÁ, 2008, p. 53).

Contudo, além de afastá-lo da prática da leitura, exercícios de análise linguística não garantem que o aluno tenha “domínio das habilidades de uso dessa mesma língua em situações concretas de inserção, compreendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos” (CRUZ, 2012, p. 2761). Então, torna-se tão importante quanto apresentar diversos gêneros textuais/discursivos, saber *como* fazê-lo, ou seja, “Não basta defendermos a presença de diversos tipos e gêneros textuais na escola, se não levarmos em conta os diferentes modos de leitura” (PAULINO, 2005 apud PINHEIRO, 2006, p. 29). Para a autora, textos literários devem ser lidos de forma literária, ou seja, sem o objetivo de análise sintática, por exemplo, mas que, nem por isso, esse modo de leitura não deva ser repensado. Portanto, é preciso que o professor reflita sobre qual tipo de leitura quer que seus alunos realizem e, se necessário, ressignifique sua prática.

Existem, portanto, diversas possibilidades de utilização do texto e, por consequência, da leitura. Geraldi (2003) apresenta quatro “tipos” de relações entre o texto e o leitor:

- ✓ a primeira é o que se pode chamar de “leitura-busca-de-informações” (GERALDI, 2003, p. 171), quando o leitor vai ao texto para perguntar-lhe algo, ou seja, quando está com alguma dúvida e busca soluções;
- ✓ a segunda é a que os alunos estão acostumados a fazer e, como dito, é um dos únicos momentos de leitura destes – a “leitura-estudo-do-texto” (GERALDI, 2003, p. 172), na qual o leitor vai ao texto para escutá-lo, para retirar dele tudo o que ele puder fornecer;
- ✓ a terceira relação é aquela em que o leitor busca um texto para “usá-lo na produção de outras obras, inclusive outros textos” (GERALDI, 2003, p. 173), chamada “leitura-pretexito” (GERALDI, 2003, p. 173);
- ✓ e, por fim, a “leitura-fruição” (GERALDI, 2003, p. 174), na qual o leitor vai ao texto sem perguntas e sem pretender utilizá-lo, é ler pelo prazer de ler.

É sobre essa relação prazerosa entre o texto e o leitor que discutir-se-á na sequência, por entender, assim como Cruz (2012, p. 2763), “a leitura como fruição como a estratégia mais eficiente para a formação de alunos leitores”.

A LEITURA-FRUIÇÃO DO TEXTO: O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR

A leitura-fruição é apresentada por Riolfi (2008, p. 50) nestas palavras:

Tipo de leitura cujo cerne é o prazer, é obtida não apenas com textos literários, como tendemos a acreditar, mas em qualquer tipo de relação em que a leitura se mostre um fim em si e não esteja veiculada a nenhuma demanda externa, como a obrigatoriedade de preencher uma ficha de leitura ou realizar um resumo.

No mesmo viés, esse tipo de leitura, sem compromisso com a análise sintática e desamarrado de questões interpretativas e avaliativas, é assim definido por Geraldi (2003, p. 174):

Posso, por fim, ir ao texto sem perguntas previamente formuladas, sem querer escrutiná-lo por minha escuta, sem pretender usá-lo: despojado, mas carregado de história [...] Não é a imediatez a linha condutora desta relação com os outros, mas a gratuidade do estar com os outros, e com eles se construir, que orienta este tipo de diálogo.

Portanto, o que define a leitura-fruição e, por consequência, a difere dos outros tipos de leitura é o desinteresse pelo controle daquilo que se lê (CRUZ, 2012), é o encantamento da história pela história, pelo mundo da leitura que atinge o mundo da imaginação e o encantamento pela palavra escrita, sem compromisso com avaliações e correções.

É com esse foco, o da leitura-fruição de textos literários, que se propõe o presente trabalho, cujo principal objetivo é dar aos alunos (ou, em alguns casos, devolver) o prazer da leitura, por meio de dinâmicas diferenciadas, pois como afirma Suassuna (1995, p. 150) “cabe à escola e aos professores resgatar o prazer de ler, estendendo tal ação para além das atividades escolares”.

Segundo Cosson (2007 apud SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 96), são três os tipos de aprendizagem compreendidos pela linguagem literária:

- a) *A aprendizagem da literatura, que se dá através da experiência estética do mundo por meio da palavra, e instiga os sentidos, os sentimentos e a intimidade, pois há uma relação tátil, visual, sensorial, emocional do leitor com o texto.*
- b) *A aprendizagem sobre a literatura, que envolve os conhecimentos de história, teoria e crítica; prevalência dos didatismos nos currículos escolares.*
- c) *A aprendizagem por meio da literatura, que está relacionada aos saberes e às habilidades proporcionadas aos usuários pela prática da leitura literária: ampliação do universo cultural do leitor através dos tantos temas humanos, sociais, políticos, ideológicos, filosóficos, dentre outros, que são tratados nos gêneros literários.*

Porém, como prossegue o autor, os itens “a” e “c”, que seriam imprescindíveis na formação do leitor, são as práticas mais negadas no território escolar, afinal, como destaca Geraldi (1997, p. 97), a questão que ronda os pensamentos da maioria dos professores é “Se não exijo nada como resultado dessa leitura, como vou saber se o aluno leu?”, e assim, questões como o mero prazer ou gosto pela leitura dão espaço às questões teóricas, meramente escolarizadas e que distanciam os alunos da leitura. Contudo, pode-se afirmar que os alunos não são os maiores responsáveis e longe de serem os únicos por tal distanciamento, já que o modo como os textos, principalmente os literários, são tratados na sala de aula é ineficiente. Para Silva e Silveira (2013, p. 93), “O leitor proficiente não nasce pronto; tal condição é consequência da atmosfera leitora reinante no seu contexto social, principalmente, no que diz respeito à escola, essencialmente, à sala de aula”, por isso a reavaliação, por parte dos professores, dos métodos de abordagem do texto literário é ponto crucial para a formação e o crescimento do aluno leitor.

Comungando da mesma ideia das autoras supracitadas, Lima e Azevedo (2011, p. 67) avaliam que “O principal desencadeador da descoberta do prazer que os livros podem trazer é, sem dúvida, o professor que precisa oferecer estímulos por meio de uma prática baseada em intencionalidades”. Conforme as autoras, é importante que o professor ressignifique as práticas de leituras escolarizadas, mesmo considerando isso um grande desafio.

Nesse sentido, a escola faz-se o ambiente inicial e principal, no qual a leitura deve ser protagonizada, exercida e organizada, “de modo que não podemos pensar a leitura sem considerar o papel da escola” (KLEBIS, 2008 apud LIMA; AZEVEDO, 2011, p. 68). É a escola o lugar ideal para mostrar/ensinar aos jovens leitores (leitores em formação) tudo aquilo que a leitura pode propiciar, desde o conhecimento até o puro prazer de ler.

No mesmo viés, Suassuna (1995), citando outros teóricos, destaca que “o professor tem um *importante papel* a desempenhar no processo de leitura, seja como leitor, seja como *orientador da leitura* do aluno” (KLEIMAN, 1984; GERALDI, 1985; ORLANDI; GUIMARÃES, 1985 apud SUASSUNA, 1995, p. 150). Também nessa direção, Riolfi (2008) assume que o professor de língua portuguesa deve estar sempre inovando em sua prática pedagógica. Além disso, tais inovações devem dizer respeito ao modo como este intervém na “produção” de alunos leitores. A leitura em sala de aula deve incentivar os alunos a praticar a leitura também fora de sala, mas para que isso aconteça é necessário que o professor instigue seus alunos a lerem “livros na sala de aula que permitam uma leitura ao mesmo tempo delirante e qualitativa” (RIOLFI, 2008, p. 78); delirante ao ponto de fazer que o aluno se apaixone e vá em busca de novas leituras, e qualitativa ao ponto de colaborar com seu universo discursivo, lexical e com seu conhecimento de mundo, tanto dentro quanto fora da escola. Não são necessariamente os *best-sellers* que devem ser lidos ou propostos para a leitura aos alunos, mas algo diferente, que os chame à leitura. Essa é, na opinião de Riolfi (2008), uma possível forma de constituir um leitor.

De acordo com a autora, a literatura não ocupa um lugar na escola, por isso seu capítulo é intitulado “O ‘lugar nenhum’ da literatura nas aulas de Língua Portuguesa”, e então sugere que o professor é quem deve “marcar” esse lugar, trazendo a conhecimento do aluno livros e leituras mais interessantes, mesmo

que isso demande muito empenho; é o trabalho de mostrar o diferente ao aluno e fazê-lo acreditar que a literatura não são as histórias chatas, com personagens mais chatos ainda que querem sempre, ao final da história, mostrar uma moral, dizendo o que deve ou não ser feito.

Ao contrário, o texto deve ser apresentado ao aluno sem a missão utilitarista de mostrar como é que são as coisas na vida, ou seja, deve tocar a alma do leitor, muito além da função didática: “Para quem é sensível, é no corpo que a palavra em delírio, qual bactéria, encontra sua morada” (RIOLFI, 2008, p. 81). A palavra não precisa ensinar nada, prever nada e nem estar coberta de utilidade; sua maior função, na leitura-fruição, é não ter função, a não ser nos atingir com o mero deleite, o simples prazer, o puro gozo.

LEITURA-FRUIÇÃO: UMA PROPOSTA

Diante de tais reflexões e aparato teórico, e entendendo a importância que a leitura deve ter na vida do aluno, elaborou-se uma proposta de um projeto de leitura-fruição com contos de mistério de Lygia Fagundes Telles, que será detalhado a seguir. Deve-se enfatizar que as atividades aqui propostas não se esgotam em si mesmas, mas devem servir para instigar a elaboração de outras atividades, com outros textos.

As propostas foram elaboradas para serem trabalhadas em aulas de língua portuguesa, com o 2º ano do Ensino Médio, podendo ser adaptadas para outras turmas/séries. No total, devem ser reservadas dez aulas (em média) para o desenvolvimento desse projeto. Para facilitar a compreensão, a explicação do projeto segue dividida por aulas, podendo ser modificado de acordo com a realidade de cada escola, turma ou série.

✓ 1ª E 2ª AULAS:

No primeiro momento, o projeto de contos deve ser devidamente apresentado aos alunos. O professor dirá que serão trabalhados alguns contos da autora Lygia Fagundes Telles, sem mencionar os títulos dos contos nem sua temática. O professor escreverá o título do projeto no quadro, *MISTÉRIO: Venha ver, à luz da lua, as formigas do jardim selvagem na noite de Natal*, e os alunos deverão copiar no caderno para que depois façam uma relação entre este e os títulos dos contos. Depois dessa breve introdução do projeto, o professor fará a leitura dramatizada do conto “O dedo” (TELLES, 1981), de Lygia Fagundes Telles, para que os alunos tenham um primeiro contato com o a temática escolhida para o projeto (mistério) e, para alguns, com o gênero conto.

Para que possa atingir o objetivo de chamar os alunos para a leitura e, consequentemente, instigá-los a lerem, o professor deve estar preparado para ler em voz alta com as devidas entonações, pois “Quando lemos em voz alta, podemos — por assim dizer — *dirigir* as reações dos ouvintes, fazendo, por exemplo, uma leitura mais dramática ou mais irônica” (LAJOLO, 2005 apud LIMA; AZEVEDO, 2011, p. 72); ou seja, além de ler, é de extrema importância que o professor se preocupe em como fazê-lo, tornando a leitura prazerosa e sedutora para que os alunos sintam-se envolvidos na história.

Na sequência, dar-se-á a apresentação do conto “A medalha”¹, através do vídeo do *YouTube*, que deve servir igualmente para atrair os alunos a uma leitura diferenciada, dramatizada, diferente da que eles estão acostumados a ouvir. Para finalizar, o professor explicará que, na próxima aula, acontecerá uma gincana que envolverá outros contos de Lygia Fagundes Telles. Para isso, nesse momento os alunos deverão formar cinco grupos com cinco integrantes cada, para que na próxima aula os grupos já estejam formados.

✓ 3ª E 4ª AULAS:

Conforme Lima e Azevedo (2011, p. 69), para ser mediador do processo da formação do aluno como leitor, o professor “deve oferecer condições mínimas para que seus alunos se aproximem do livro em um convívio envolvente, não por mera obrigação e nem por tão pouca espontaneidade”. Na tentativa de fazer que os alunos se interessem e leiam os contos sugeridos, a atividade que se propõe é uma gincana, na qual cada grupo deverá montar um conto de Lygia Fagundes Telles. Serão trabalhados os contos “Venha ver o pôr-do-sol”, “As formigas”, “O jardim selvagem”, “Lua Crescente em Amsterdã” e “Natal na barca” (TELLES, 1981). Os contos estarão divididos em cinco partes e espalhados pelo colégio, em envelopes enumerados com números de 1 a 5, os números dos grupos. No final de cada trecho, haverá a pista para encontrar o próximo trecho².

A título de ilustração, encontra-se no Anexo A o exemplo da gincana com o conto “Venha ver o pôr-do-sol”. Como pode ser percebido, os trechos não estão em ordem e, por isso, ao encontrarem os cinco “pedaços” os alunos deverão montar os contos. Também é importante informar aos alunos que cada grupo só deverá abrir os envelopes que correspondem à sua equipe, não devendo mexer ou trocar de lugar os envelopes dos colegas. No decorrer da gincana, mais precisamente no segundo trecho, haverá uma surpresa, que deve ser observada pelos alunos: os trechos estarão trocados e, se os alunos não perceberem isso durante a leitura do conto, perceberão na pista, logo abaixo do texto. O grupo deverá, então, encontrar a equipe que está com o trecho do seu conto para continuar a caça ao conto. Essa é uma forma de os alunos lerem um pedacinho que seja de outro conto, na intenção de fazer que se interessem e busquem lê-lo posteriormente.

Portanto, no início da aula, o professor escreverá no quadro o nome da gincana, *Gincana Misteriosa*. Na sequência, o professor dará as instruções da dinâmica, dizendo que cada grupo será responsável por montar um conto; para isso, cada grupo deverá ler o primeiro trecho, que lhes será entregue na sala, e seguir as pistas para encontrar os próximos quatro trechos. Cada trecho deverá ser lido pelo grupo todo antes de procurar pelo próximo. Ao final, quando encontrarem os cinco trechos, os alunos deverão montar o conto na sala de aula. Será vencedor da gincana o grupo que primeiro montar corretamente o conto que será corrigido pelo professor. Os grupos não tomarão conhecimento dos contos dos colegas neste momento.

1 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XyIRQJgY3a8>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

2 A proposta completa dessa atividade está disponível no blog <<http://entreletraseletras.blogspot.com.br/>>.

✓ **5ª E 6ª AULAS:**

No início da aula, os mesmos grupos da gincana deverão reunir-se e cada aluno receberá seu conto impresso, para poder acompanhar melhor a atividade que segue.

Deve ser dito aos alunos que eles apresentarão seu conto aos colegas, cada grupo de uma maneira diferente, isto é, cada um dos grupos fará a leitura dramatizada do conto que montou na gincana, e cada grupo terá uma estratégia para a apresentação que lhes será explicada da seguinte forma:

- O grupo responsável pelo conto “Venha ver o pôr-do-sol” deverá apresentar o conto na forma de um teatro na sala, podendo caracterizar o ambiente da maneira que julgar conveniente, sendo responsável pela organização tanto do cenário quanto dos personagens e apresentação em geral. As falas deverão ser decoradas. Mesmo que apenas dois sejam os personagens do conto, todos os membros do grupo deverão participar de alguma forma, cabendo ao grupo definir como.
- O grupo que montou o conto “As formigas” deverá preparar uma encenação teatral com falas dubladas, ou seja, alguns serão os personagens que interpretarão as cenas e os outros serão suas vozes. Para essa apresentação é necessário muito ensaio e sincronia entre os participantes.
- Para apresentarem o conto “O jardim selvagem”, os integrantes do grupo poderão assistir mais uma vez ao vídeo do conto “A medalha”, apresentado na primeira aula do projeto. Esse conto será apresentado aos colegas por meio de uma leitura interpretativa/dramatizada, com vozes diferentes para os personagens. Para que todos os integrantes do grupo participem da apresentação do conto, em vez de apenas um lê-lo, serão dramatizadas as diferentes vozes do conto, sendo cada personagem representado por uma voz. São seis os personagens do conto, se houver no grupo integrantes suficientes, cada um poderá interpretar um personagem, caso contrário, poderão repetir. É importante que os alunos entendam que essa apresentação não se trata de um teatro, mas de uma leitura dramatizada; por isso, os alunos não representarão corporalmente, mas sim com o tom de voz apropriado. A única personagem que representará com o corpo será Daniela, que deverá aparecer durante a leitura com uma luva na mão direita. Os alunos poderão escolher as estratégias da apresentação: se ficarão sentados, em pé, de frente ou de costas para o público, quais serão suas vestes etc.
- Por se tratar de um conto que lida muito com os sentimentos, “Lua Crescente em Amsterdã” deverá ser apresentado pelo grupo em forma de um teatro mudo (com exceção de alguns trechos), valorizando a expressão corporal, com música de fundo, que deve ser escolhida pelos próprios alunos. O professor deverá proporcionar a orientação necessária para que os alunos possam dublar o conto sem a voz e poderão caracterizar-se. Para incitar ainda mais a vontade dos colegas em ler o conto, os trechos a seguir serão recitados pelos narradores e interpretados pelos personagens:

Narrador 1 (no início do conto): “O jovem casal parou diante do jardim e ali ficou sem palavra ou gesto, apenas olhando. A noite cálida, sem vento. Uma menina loura surgiu na alameda branco-azulada e veio correndo. Ficou a uma certa distância dos forasteiros, observando-os com curiosidade enquanto comia a fatia de bolo que tirou do bolso do avental”

Final do conto:

Rapaz: “– Sopra o vento e a gente vira outra coisa.”

Moça: “– Que coisa?”

Rapaz: “Sei lá. Não quero é votar a ser gente, eu teria que conviver com as pessoas e as pessoas – ele murmurou. – Queria ser um passarinho, vi um dia um passarinho bem de perto e achei que devia ser simples a vida de um passarinho de penas azuis, os olhinhos lustrosos. Acho que queria ser aquele passarinho.”

Moça: “– Nunca me teria como companheira, nunca. Gosto de mel, acho que quero ser borboleta. É fácil a vida de borboleta?”

Rapaz: “É curta.”

Narrador 2 (no final do conto): “O vento soprou tão forte que a menina loura teve que parar porque o avental lhe tapou a cara. Segurou o avental, arrumou a fatia de bolo dentro do guardanapo e olhou em redor. Aproximou-se do banco vazio. Procurou entre as árvores, voltou até o banco e alongou o olhar meio desapontado pela alameda também deserta. Ficou esfregando os sapatos na areia fina. Guardou o bolo no bolso e agachou-se para ver o passarinho de penas azuis bicando com disciplinada voracidade a borboleta que procurava se esconder debaixo do banco de pedra.”

- O grupo responsável por apresentar o conto “Natal na barca” preparará um teatro com estratégias semelhantes às utilizadas pelo primeiro grupo, porém esse teatro terá um corte antes do final. Depois de o narrador ler o trecho: “Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fez um movimento como se fosse apanhar a sacola. Ajudei-a, mas ao invés de apanhar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho”, o teatro deverá ser interrompido e os personagens deverão continuar estáticos enquanto o narrador questionará o público sobre sua opinião quanto ao final da história. Depois de o público responder, o teatro continuará. O conto é narrado em primeira pessoa sendo que a narradora é também uma das personagens principais, contudo, será necessário que os papéis sejam interpretados por alunos diferentes: um representará a mulher na barca e outro será o narrador.

As orientações acima serão transmitidas a cada grupo em particular, sem que um grupo saiba a estratégia de apresentação do outro. É importante que os alunos não digam o nome do conto que apresentarão nem no dia da apresentação, pois os colegas terão de adivinhar qual é o conto. O professor deverá auxiliar os grupos no que for necessário para a apresentação dos contos. O maior

objetivo é que as apresentações sejam feitas de tal modo que incitem nos alunos a vontade de ler estes e outros contos, misteriosos ou não.

✓ 7ª E 8ª AULAS:

O tempo dessas aulas deve ser destinado à preparação das apresentações.

✓ 9ª E 10ª AULAS:

Nessas aulas, devem ser apresentados os contos. É importante que o professor escreva novamente no quadro o título do projeto e também os títulos dos contos, aleatoriamente. Na medida em que os contos forem apresentados, os colegas deverão dizer de qual conto se trata a apresentação. No final, os alunos perceberão (ou deverão perceber) que o título do projeto é uma junção dos títulos dos contos.

Considera-se esse o momento-chave para instigar todos os alunos a lerem todos os contos. É objetivo desta atividade que os alunos, após as representações, troquem ideias sobre os textos lidos, motivando a leitura de todos os contos, pois “Quando o leitor lê um livro e fica embevecido pelas palavras e estas aninhadas em sua memória, ele externa toda sua emoção e até convence a outras a pessoas a lerem” (SILVA; SILVEIRA, 2013, p. 100). É uma forma válida de propor a leitura, como destaca Geraldí (1997, p. 98): “Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de ‘incentivo à leitura’”.

Apesar de os alunos apresentarem os contos de variadas formas (leitura dramatizada, teatro etc.), essa atividade não é considerada leitura como pretexto. O objetivo é fazer que os alunos tomem gosto, mediante uma atividade intencionalizada, pelo gênero e pela temática, podendo transpor o desejo de ler a outros contos, outros gêneros, outros autores e outros temas. Enfim, tome gosto pela leitura, afinal “Não é difícil de concluir que o aluno volta ao texto e ao universo da leitura se a mesma é capaz de resultar em sensação prazerosa” (CRUZ, 2012, p. 2765).

Ao se tratar de leitura literária, a ideia defendida é a de que, dependendo de como a história é apresentada aos alunos, ela pode alcançar dimensões surpreendentes, de provocar sentimentos e emoções, despertar o encantamento e, principalmente, espalhar o prazer na tentativa de alcançar aqueles que ainda não o conhecem. Nesse sentido, corroboramos a fala de Geraldí (1997, p. 98):

[...] que livro estamos lendo hoje? Provavelmente aquele que de que me falou um amigo, que já o leu ou aquele de que lemos a resenha, etc. Isto é, lemos os livros de que tivemos notícia, dependendo de quem foi nosso informante [...] Creio que a saída prática do professor de língua portuguesa é criar esse mesmo circuito entre seus alunos, deixando-os ler livremente, por indicação de colegas da sala de aula, pela curiosidade, pela capa, pelo título, etc.

Concordamos com a ideia do autor de que a leitura pode e deve ser mediada pelo professor, na escola, assim como pelos colegas. Contudo, essa mediação

deve ser controlada, não estabelecendo limites, mas deixando os alunos livres para experimentar o mundo da leitura, seja pela curiosidade, à sua maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A distância que o aluno tem da leitura deve-se, muitas vezes, à forma como essa é tratada em sala de aula, momento em que o leitor deveria estar se formando. O papel da escola e, conseqüentemente, do professor é fundamental nessa etapa.

O professor de língua portuguesa deve ser promotor de modificações significativas em suas práticas pedagógicas para apresentar ao aluno a leitura como forma prazerosa, além de utilizá-la também como fonte de informações e saberes.

Portanto, não é objetivo deste trabalho condenar práticas de leitura realizadas em sala de aula ou no contexto escolar, por entender que todas têm seu peso, que todas são significativas. Também não é propósito apresentar receitas prontas de práticas pedagógicas a serem desenvolvidas. O que se sugere é que o professor adapte sua prática à realidade dos alunos, para aquilo que eles têm vontade ou necessidade de ler e aprender. A proposta descrita no trabalho é uma sugestão de atividade com leitura de contos que deve servir para que o professor se inspire para outras atividades, outras leituras.

THE FRUITION READING AT SCHOOL: SOME DISCUSSION, A PROPOSAL

Abstract: A lot has been said about students and their lack of interest in reading. Yet, the distance students have from reading is usually due to the way it is handled in classroom. Few measures are taken as strategies to improve the link between the student and the reading world. It is about this pleasurable relation between the text and the reader that this article is about, which presents discussions about the importance of school and the teacher for forming reader-students. This paper also brings a proposal of practical activity about fruition reading.

Keywords: Fruition reading. Reader formation. Elementary education.

REFERÊNCIAS

- CRUZ, C. M. da. A leitura como fruição do texto no âmbito escolar e a formação de leitores. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS, 16., 2012, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cifefil, 2012. p. 2760-2766. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_3/tomo_3.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2014.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LIMA, S. X. de. Letramento literário: caminhos e desafios. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS FILOLÓGICOS E LINGUÍSTICOS, 13., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Cifefil, 2009. p. 2046-2058. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/XIII_CNLF_04/tomo_2/letramento_literario_caminhos_e_desafios_SIMONE.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2014.

LIMA, B. C. M. T.; AZEVEDO, H. H. O. Leitura Fruição em sala de aula: subsídio para a formação do leitor. *Cadernos De Pedagogia UFSCAR*, São Carlos, v. 5, n. 9, p. 66-79, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/312/134>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

PARANÁ. *Diretrizes curriculares da educação básica*. Curitiba: MEC, 2008.

PINHEIRO, M. P. *Letramento literário na escola: um estudo de práticas de leitura na formação da “comunidade de leitores”*. 2006. 306 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-83LR5X/2000000110.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 1º jun. 2014.

RIOLFI, C. *Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Thomson Learning, 2008.

SILVA, A. M. de O. C.; SILVEIRA, M. I. M. Letramento Literário na escola: desafios e possibilidades na formação de leitores. *Revista Eletrônica de Educação de Alagoas*, Alagoas, v. 1, n. 2, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-edicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA_Antonieta%20Silva_Maria%20Silveira.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2014.

SUASSUNA, L. *Ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem pragmática*. Campinas: Papirus, 1995.

TELLES, L. F. *Mistérios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ANEXO A

GRUPO 1: VENHA VER O PÔR DO SOL

PARTE 1:

Perplexa, ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol!...Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta burocracia, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

– E você acha que eu iria?

– Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um instante numa rua afastada... – disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento –Você fez bem em vir.

– Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

– Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

– Mas eu pago.

– Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico.

Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

– Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.

– Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado – prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gereram. – Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

– É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporte enterros.

– Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo...

Isso mesmo: não tenha medo! Vá em busca de outro trecho do seu texto! O lugar é silencioso, mas não é um cemitério! Lá poderá ver notícias de gente morta e gente viva.

Resposta: na biblioteca, nos jornais.

PARTE 2:

– Você sabia, Ana? Algumas estrelas são leves assim como o ar, a gente podia carregá-las numa maleta. Uma bagagem de estrelas. Já pensou no espanto do homem que fosse roubar essa maleta? Ficaria para sempre com as mãos cintilantes, mas tão cintilantes que não poderia mais tirar as luvas.

– Olha minhas unhas. Até a menininha fugiu de mim – queixou-se ela enlaçando as pernas.

– Desconfiou que você ia avançar no seu bolo.
 – Olha minhas unhas. Será que aqui também dão comida em troca de sangue?

– Não sei.

– Uma droga de comida. Aquela de Marrocos – disse ela esfregando na areia a sola da sandália.

– Nosso sangue também deve ser uma droga de sangue.

O silêncio foi se fazendo de pequenos ruídos de bichos e plantas até formar um tênue tecido que perpassava pela folhagem, engançava-se imponderável numa folha e prosseguia em ondas até se romper no bico de um pássaro.

– Queria um chocolate quente com bolo. O creme, eu enchia uma colher de creme que se espalhava na minha boca, eu abria a boca...

Abriu a boca. Fechou os olhos.

Ele sorriu:

– Estou ouvindo uma música, a gente podia dançar. Se a gente se amasse agente saía dançando.

Ela levantou as mãos e passou as pontas dos dedos nos cabelos. Na boca.

– E agora? O que acontece quando não se tem mais nada com o amor?

Quase ele levou de novo a mão no bolso para pegar o cigarro, onde fumara o último?

– Sopra o vento e a gente vira outra coisa.

– Que coisa?

– Sei lá. Não quero é voltar a ser gente, eu teria que conviver com as pessoas e as pessoas – ele murmurou. – Queria ser um passarinho, vi um dia um passarinho bem de perto e achei que devia ser simples a vida de um passarinho de penas azuis, os olhinhos lustrosos. Acho que queria ser aquele passarinho.

– Nunca me teria como companheira, nunca. Gosto de mel, acho que quero ser borboleta. É fácil a vida de borboleta?

– E curta.

Oooops!!! Este trecho não te pertence! Procure os integrantes do grupo 5!

Agora sim você está no caminho certo! Mas espere aí: se ao invés de Amsterdã, a história fosse em Forks, o vento sopraria e eu não me transformaria nem em passarinho nem em borboleta! Eu viraria vampiro!

Resposta: na biblioteca, em um dos livros da Saga Crepúsculo.

PARTE 3:

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rastei-

ro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinham um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do taxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

– Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... Quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete-léguas, lembra?

– Foi para falar sobre isso que você me fez subir até aqui? – perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. – Hem?!

– Ah, Raquel... – e ele tomou-a pelo braço rindo.

– Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume.

– Então fiz mal?

– Podia ter escolhido um outro lugar, não? – Abrandara a voz – E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo – acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda. Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. Sorriu.

– Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

– Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Raquel andou demais e ficou toda suja... se pelo menos tivesse ali um AHIE-BNOR para lavar o rosto...

Resposta: banheiro feminino

PARTE 4:

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso? Brincadeira mais cretinal! – exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco. – Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida.

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

– Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente!– Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. – Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

– Boa noite, Raquel.

– Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... – gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo.– Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos!– exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando.

– Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

– Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

– NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Quando estão abertas, não conseguimos copiar nada do quadro... quando estão fechadas, não nos permitem ver o pôr-do-sol!!!

Resposta: na cortina da sala de aula.

PARTE 5:

O mato rasteiro dominava tudo. E, não satisfeito de ter se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrando-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com a sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando vagarosamente pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

– É imenso, hem? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente – exclamou ela atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. – Vamos embora, Ricardo, chega.

– Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da tarde, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

– Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre. Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

– Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

– É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

– Ele é tão rico assim?

– Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

– Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

– Sabe Ricardo, acho que você é mesmo tantã... Mas, apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Palavra que, quando penso, não entendo até hoje como aguentei tanto, imagine um ano.

– É que você tinha lido *A dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora? Que romance você está lendo agora. Hem?

– Nenhum – respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: – *A minha querida esposa, eternas saudades* – leu em voz baixa.

Fez um muxoxo. – Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

– Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja – disse, apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda –, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

- Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim
- Deu-lhe um rápido beijo na face. – Chega Ricardo, quero ir embora.
- Mais alguns passos...

Isso! Trabalho quase cumprido! Só resta colocar a história em ordem!

Recebido em fevereiro de 2015.

Aprovado em abril de 2016.